

## **Soja e regimes autoritários no Cone Sul: pressões socioambientais da expansão de uma monocultura entre Brasil e Paraguai.**

Jo Klanovicz, Dr., Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Brasil/Pq2-CNPq

klanov@gmail.com

Línea temática: “Otros” – Especificidade: Historia de la sojicultura en el Cono Sur

Resumo:

Esta comunicação apresenta alguns resultados do projeto O Corredor da Soja no Cone Sul, que busca discutir a história global agroambiental da soja tendo como epicentro a América do Sul. Brasil e Paraguai são, respectivamente, o segundo e quarto maiores produtores mundiais de soja na atualidade. A soja, além de ser importante cultura agrícola do ponto de vista econômico, tem inserido o Brasil e o Paraguai numa história global agroambiental na qual podem ser observadas circulações de saberes, técnicas, patógenos, padrões de uso da terra e de intensificação do capital, bem como de problemas ambientais e pressões sobre a sociobiodiversidade. Até o início do século XX, a soja era uma planta cultivada em regime doméstico na Manchúria. Com aplicações em diversas indústrias, bem como oleaginosa extremamente proteica, as multifuncionalidade passou a fazer com que fosse descrita como “grão de ouro” pela comunidade científica e pela agricultura de grande porte nas décadas seguintes. O Brasil começa a expandir de maneira dramática a sojicultura na década de 1960 a partir dos estados do sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Ela foi possível devido ao acúmulo de conhecimento ligado à produção de trigo que poderia ser intercalado com soja no caso do Rio Grande do Sul, mas também como alternativa ao declínio da monocultura do café no Paraná ou à devastação de florestas para a expansão invariável da fronteira agrícola em Santa Catarina. A expansão dessa monocultura teve impulso reforçado com a institucionalização da extensão e da assistência técnica do regime autoritário brasileiro e com a marcha para o leste, no caso do governo autoritário do Paraguai, que abriu mais uma fronteira agrícola para a sojicultura brasileira. Como resultados, surgiram novas cidades, novos processos migratórios, novos conflitos em torno do uso da terra, bem como foram sendo delineadas relações específicas entre estado e mundo natural, marcadas por importantes ameaças à sociobiodiversidade da Mata Atlântica ou Bosque Atlântico na fronteira Brasil-Paraguai. A comunicação pontua as principais características da sojização da agricultura entre sul do Brasil e leste do Paraguai, entendendo essa cultura agrícola a partir do papel de projetos políticos e instituições de pesquisa agrícola e de empresas privadas que geraram documentos que verbalizam discursos sobre a sojicultura. Adoto, para tanto, uma

perspectiva de história agroambiental na interface com história global. Isso significa considerar uma leitura de impactos socioambientais de uma cultura agrícola que, embora originária ou cultivada numa dada região, está inserida numa teia mais ampla de repercussões em outros lugares. Implica considerar, também, que os processos de transformação da paisagem local estão inseridos em relações mais amplas, muitas vezes distantes, como é o caso da constituição de uma dependência global da soja produzida principalmente na América do Sul. Por outro lado, a perspectiva de história agroambiental busca reaproximar as dimensões econômica e ecológica da agricultura não entendendo a agricultura apenas do ponto de vista sociopolítico, mas sim como prática com implicações socioambientais significativas.

Palavras